



XVI Fórum da Rede Municipal de Ensino: educação e pesquisa
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 23 de outubro de 2018

MINI-HISTÓRIAS: UMA COMUNICAÇÃO QUE TORNA VISÍVEL A VIDA COTIDIANA NA CRECHE E APROXIMA FAMÍLIA E ESCOLA

Cristiele Borges dos Santos¹
Liliane Ceron²

Resumo

O propósito deste artigo é abordar a questão das mini-histórias na Educação Infantil como forma de comunicar as aprendizagens de crianças pequenas durante a jornada escolar, tirando da invisibilidade momentos significativos vivenciados. Também se busca investigar de que forma a comunicação dessas mini-histórias aproximam as famílias da escola. As reflexões são oriundas da pesquisa de uma das autoras para a produção de artigo final para conclusão do curso de Pedagogia. O uso de mini-histórias se justifica pelo fato de elas serem curtas e prenderem a atenção das crianças e famílias, motivando a leitura rápida e de entusiasmando pela fácil compreensão. É necessário lançar luz a projetos educacionais e formativos que promovam a diferença, respeitando a atuação da criança e dando-lhe voz. As mini-histórias podem ser um meio para isso. Assim, também buscamos, com esta pesquisa, inspirar outros profissionais da educação a se apropriarem dessa prática, para dar visibilidade às aprendizagens da infância.

Palavras-chave: Mini-histórias; Educação Infantil; Comunicação; Aprendizagens.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa a discutir de que forma o uso de mini-histórias no cotidiano da Educação Infantil pode potencializar e viabilizar aprendizagens de crianças, tornando visível para as famílias o cotidiano nas escolas da infância.

¹ Licenciada em Pedagogia. Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo. cristieleborges@novohamburgo.rs.gov.br EMEI Joaninha.

² Licenciada em Pedagogia e Pós-graduada em Docência na Educação Infantil. Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo. lilianeceron@novohamburgo.rs.gov.br EMEI Joaninha.

Materializar as aprendizagens de crianças pequenas é um desafio, visto que, normalmente, os registros físicos por meio de trabalhos artísticos enviados às famílias fazem pouco sentido na experiência concreta das crianças de 1 a 2 anos. Dessa forma, será que as mini-histórias podem modificar essa realidade educacional? A utilização e o registro de mini-histórias traz sentido à educação e à multiplicidade de narrativas de cenas cotidianas presentes nos primeiros anos de vida da criança?

Historicamente, a Educação Infantil tem suas práticas marcadas pelo caráter assistencialista e compensatório do cuidado adulto-familiar na relação educativa (FARIA; DEMARTINI; PRADO, 2005). Porém, muitas pesquisas atualmente buscam mostrar que é possível superar barreiras da educação e produzir aprendizagens participativas pelas artes do fazer infantil, articulando projetos em que a criança seja a protagonista desse processo (MELO, 2011; ZABALZA, 2009). Nessa perspectiva, é emergente a necessidade de lançar luz a projetos educacionais e formativos que introduzam histórias e promovam a autonomia e as diferenças, respeitando a atuação da criança e dando-lhe voz. Há muitos profissionais interessados em discutir e promover um trabalho de qualidade nas escolas de Educação Infantil. Muitas práticas significativas são realizadas nas escolas, contudo, acabam não tendo visibilidade e assim o senso comum continua acreditando que as creches são lugares apenas de cuidado. Daí a necessidade de estudos para desmistificar esse entendimento e dar visibilidade às práticas educativas cotidianas.

Mini-histórias são breves relatos acompanhados de uma sequência de imagens, que abordam questões extremamente necessárias como autonomia, comunicação e o saber-fazer de bebês e crianças pequenas. O compartilhamento dessas mini-histórias é um poderoso meio para comunicar experiências, a fim de narrar uma criança que atua e que aprende através da curiosidade e da relação com o mundo (FOCHI, 2015). O interesse pela temática surge de inquietações de uma das autoras, oriundas do seu trabalho com a turma de faixa etária 1 (crianças com 1 ano completo até 31 de março), compartilhadas com a coordenação pedagógica da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Joaquina, no município de Novo Hamburgo, em 2017. A escola de atuação participa do Observatório da Cultura Infantil (OBECI), que

é um grupo autogestionado³ de profissionais da Educação Infantil interessados em discutir e refletir sobre o cotidiano na Educação Infantil e na formação de professores. Esse grupo foi criado em 2013 pelo professor Paulo Fochi e dele participam coordenadores pedagógicos e gestores de 5 escolas de Educação Infantil, sendo três públicas e duas privadas. Por essa razão, vêm ocorrendo iniciativas de experimentação de práticas diferenciadas nas escolas a partir de reflexões e formações promovidas pelo OBECI. Uma das práticas sugeridas é o uso de mini-histórias como dispositivo para comunicação de práticas pedagógicas transformadoras na Educação Infantil. Além disso, o uso de mini-histórias permeia o Projeto Político-Pedagógico dessa escola. Em meio às metamorfoses do trabalho pedagógico, a docência dessa turma é compartilhada e, por isso, temos utilizado as mini-histórias como uma forma de pensar e viabilizar as aprendizagens das crianças.

É possível realizar um trabalho pedagógico de qualidade que vá além do caráter assistencialista na Educação Infantil, tendo como foco o cotidiano escolar vivenciado com as mini-histórias, nas descobertas e experimentações das crianças. Essa forma de comunicar é pouco usada pelos profissionais de Educação Infantil, pelo fato de ser pouco conhecida. A partir do reconhecimento dessa proposta, os profissionais podem inspirar-se e ter uma nova perspectiva sobre as práticas realizadas nas creches, desenvolvendo um olhar mais sensível com a construção do cotidiano nas escolas de Educação Infantil.

O estudo está organizado nos seguintes tópicos: inicialmente, tratamos de uma revisão de literatura sobre os significados e sentidos das mini-histórias na Educação Infantil; sugerimos como fazer mini-histórias a partir da realidade vivenciada e, por fim, trazemos as reflexões finais.

REVISÃO DE LITERATURA– O QUE SÃO MINI-HISTÓRIAS?

³ A ideia de “autogestão” vem das perspectivas pedagógicas de Loris Malaguzzi, que apontava uma descentralização da gestão, pois acreditava ser impossível um bom trabalho enquanto existisse muita distância entre a gestão e o cotidiano das crianças. Ou seja, para uma boa gestão, é necessária uma verdadeira e real aproximação com as práticas cotidianas e as ações das crianças na escola, formando assim uma comunidade de comunicação e de colaboração.

As mini-histórias surgem recentemente de pesquisas realizadas por David Altimir (2010) e Paulo Fochi, em seu livro “Afinal, o que fazem os bebês no berçário?”, publicado em 2015. Nessa obra, o autor dedica um capítulo às histórias narradas e apresenta, então, o conceito de mini-histórias como breves relatos sobre a comunicação, a autonomia e o saber-fazer dos bebês nas relações e compartilhamentos das crianças.

O compartilhamento dessas histórias é uma forma de produzir conhecimento sobre os bebês, para narrar uma imagem de criança que é, faz, atua, e está curiosa para estar e se relacionar com o mundo. Em meio a elas, também nascem interrogações aos adultos que acompanham a criança – os professores, auxiliares e a mim mesmo, como pesquisador. Dessa forma, a partir da imagem de bebê, constrói-se uma imagem de professor para os bebês, provocada pela emergência da observação, do registro, e da reflexão sobre o que elas fazem. (FOCHI, 2015, p. 95).

As crianças, desde seus primeiros anos de vida, são seres capazes de iniciativas, de expressar sentimentos, gostos, dramas, anseios e dores. Na verdade, desde que nascem são cidadãos que pensam, agem e se relacionam com o mundo. Assim, constituem suas identidades sociais, produzem conhecimentos e fazem investigações a todo o momento, expressando-se através da linguagem oral e corporal em suas descobertas e experimentações cotidianas. Fochi (2015) afirma que as mini-histórias são uma invenção que preza por uma cultura da infância e que foi inspirada no conceito desenvolvido de Altimir (2010). Por essa razão, pouco ainda se conhece dessa prática, por ser um conceito relativamente novo, pouco projetado nas práticas pedagógicas e abordado por poucos profissionais.

Inspirado pelo livro “Como escucharla infância”, de David Altimir, entendi que a escrita das mini-histórias sobre o cotidiano nos ajuda a tornar fatos episódicos visíveis, e que, se mantidos na sombra, podem deixar muitos aspectos a respeito do valor educativo da educação infantil esquecidos ou perdidos, assim como as formas que as crianças usam para conhecer. A definição que Altimir (2010, p. 84) dá para a ideia de mini-histórias é “[...] de pequenos relatos, alguns com um denso passado, outros com muito futuro e, alguns, simples instantes”. No OBECI, temos tratado as mini-histórias como as rapsódias da vida cotidiana que, ao serem narradas textualmente e imagetivamente, tornam-se especial pelo olhar do adulto que as acolhe, as interpreta, e dá valor para a construção da memória pedagógica. (FOCHI, 2017, p. 42).

As mini-histórias como Fochi (2015) e Altimir (2010) apontam são fatos episódicos do cotidiano, que expressam momentos mais significativos e que vêm de construções que as crianças realizam na trajetória formativa, assim como podem ser os registros de instantes vividos por elas, de algo curioso que naquele momento o adulto conseguiu registrar fotograficamente e dar sentido, transformando-se em uma memória autoformativa das intervenções pedagógicas.

Loboruk (2016) traz, em seu Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência Infantil, um trecho que ilustra a preocupação e o interesse em pesquisar e dar visibilidade às práticas educativas com crianças pequenas. Tudo indica que:

Ser professora de bebês é escutar constantemente nas conversas entre familiares e amigos frases como “que lindo! Tu passas o dia cuidando deles?” ou “mas tu também trocas as fraldas e dá comida?”. São nestes momentos em que reflito na beleza que é o conhecimento e o quanto ele é capaz de transformar a realidade e construir opiniões. Não parto do princípio que todos ao meu redor necessitam saber que a Educação Infantil, em especial a educação com bebês, não é apenas cuidar; que trocar fraldas não é apenas um ato de higiene; que dar uma refeição não é apenas alimentar o pequeno ser que ainda não é independente para isso. Pois, acredito que carrego uma função primordial para a valorização desta imensa responsabilidade que é ser educadora na primeira infância ao buscar constante por conhecimentos construídos na área, revisitar conceitos e abastecer-se de informações. Fazer tais movimentos é fundamental, não somente para valorizar a profissão ou ter respostas para as clássicas perguntas, mas porque escolher trabalhar com a educação é conviver com pessoas, crianças, bebês e gerações, sabendo que estes nunca serão iguais. Eles modificam-se, recriam-se e afetam a nós, professores, que devemos tentar acompanhar tais transformações. (LOBORUK, 2016, p. 12).

Nessa abordagem, ser professora de crianças pequenas é dar condições de possibilidade para que as elas tenham seus direitos assegurados, tal como sustenta a legislação no Art. 53, Cap. IV, Estatuto da criança e do adolescente.

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - direito de ser respeitado por seus educadores (BRASIL, 1990).

A educação, além de ser um direito do sujeito, precisa ser construída com responsabilidade crítica e reflexiva por parte dos professores, para todas as idades. As inquietações de Loboruk (2016) têm relação com o que vivenciamos na prática e com questões que surgem na atuação na Educação Infantil. A ideia de ser professora está ligada ao entendimento consensual de ministrar disciplinas nas escolas. É difícil para as pessoas em geral compreenderem que profissionais da Pedagogia podem atuar com a unicodocência e pluridocência, ou mesmo na forma de docência compartilhada. Mais difícil ainda reconhecerem que, na Educação Infantil, se ensina algo a mais do que é vivido em casa com os pais e familiares, pois o caráter assistencialista, historicamente construído, está muito atrelado ao imaginário social das escolas de Educação Infantil.

A inquietação deste trabalho considera também o fato da não valorização do profissional que trabalha com bebês e crianças bem pequenas. Embora não ensine a ler e escrever - pois nem é esse o objetivo da Educação Infantil -, deixa marcas profundas e duradouras no desenvolvimento das crianças que passam por ele.

Hoje é difícil falar sobre pesquisas em Educação Infantil, que respeitem a criança portadora de direitos, sem citar Malaguzzi (1999), professor italiano que delineou a abordagem pedagógica centrada na criança e em todas as suas linguagens, como muito bem observa em seu poema "As cem linguagens":

Ao contrário, as cem existem / A criança é feita de cem. / A criança tem / cem linguagens / cem mãos / cem pensamentos / cem modos de pensar / de jogar e de falar / cem sempre cem / modos de escutar / as maravilhas de amar / cem alegrias / para cantar e compreender / cem mundos / para descobrir. / Cem mundos / para inventar / cem mundos / para sonhar. / A criança tem cem linguagens / (e depois cem cemcem) / mas roubaram-lhe noventa e nove. / A escola e a cultura / lhe separam a cabeça do corpo. / Dizem-lhe: / de pensar sem mãos / de fazer sem cabeça / de escutar e de não falar / de compreender sem alegrias / de amar e maravilhar-se / só na Páscoa e no Natal. / Dizem-lhe: que descubra o mundo que já existe / e de cem roubaram-lhe noventa e nove. / Dizem-lhe: / que o jogo e o trabalho / a realidade e a fantasia / a ciência e a imaginação / o céu e a terra / a razão e o sonho / são coisas que não estão juntas. / E lhes dizem / que as cem não existem. / A criança diz: / ao contrário, as cem existem (MALAGUZZI, 1999, p. 1).

Para a elaboração de mini-histórias, é necessário que o professor tenha um olhar sensível ao cotidiano da Educação Infantil, respeitando e trazendo

nas mini-histórias as múltiplas linguagens das crianças. O uso da fotografia, nesse sentido, não é um ato neutro, como afirma Vial (2014, p. 37):

Percebe-se que a documentação através da fotografia não é neutra, pois está carregada de significados e escolhas por aquele que a utiliza para a produção da imagem, tendo em vista resultados que são frutos de um olhar intencionado, carregado de subjetividades, pois a fotografia é uma maneira de ver o real e não uma visão em si mesma.

Ao contrário do que muitos acreditam quando algo novo aparece no segmento da educação, a inovação tem a ver com ressignificar o antigo, por meio da transformação educativa que passa fundamentalmente pela visão e pela atuação do professor. As inovações e os estudos na área surgem como possibilidade de discutir o papel social do professor como um mediador e provocador de novos conhecimentos e cenários educacionais. Na construção das mini-histórias, a intenção, a escolha e a seleção dos contextos e situações observáveis pelos professores é essencial. Sua interpretação é que definirá a forma de tornar visível as aprendizagens, a partir das mini-histórias.

A ideia das mini-histórias está ligada à revisitação dos observáveis produzidos pelos professores no cotidiano da Educação Infantil. A partir de uma breve narrativa imagética e textual, o adulto interpreta esses observáveis de modo a tornar visível as rapsódias da vida cotidiana. Essas rapsódias são fragmentos poéticos, portanto sempre episódicos que, quando escolhidos para serem interpretados e compartilhados, ganham valor educativo. (FOCHI, 2017, p. 98).

Para a produção das mini-histórias, são feitas essas escolhas. Por vezes, a sequência fotografada pode ter de 10 a 15 fotos. O professor terá que eleger dentro dessas as que mais fazem sentido e traduzem o objetivo da sua narração. Não é uma tarefa simples, pois as escolhas trazem interpretações e relações do adulto com o contexto. O ato de registrar, fotografar também é repleto de significações e experimentações. É necessário um cuidado ao fazer os registros, para que as fotos possam comunicar a ação da criança como foco principal.

Nessa abordagem, o registro e a seleção das fotos para a escrita das mini-histórias precisa levar alguns pontos em consideração: as fotos devem ter boa luminosidade, o plano de fundo deve ser esteticamente limpo sem muitas informações, as fotos devem ser tiradas na altura da criança, deve-se registrar

momentos espontâneos e não criar cenas solicitando ações, as fotos selecionadas devem ter informações diferentes, não repetindo a mesma ação, por exemplo. Não é necessário ser um profissional da fotografia, mas é importante observar esses cuidados para uma produção com qualidade estética.

Muito é feito dentro das escolas, mas a visibilidade desses trabalhos é restrita e muitas vezes negligenciada pelas famílias das crianças e pela própria comunidade escolar. O profissional da educação deve encorajar-se e mostrar as práticas desenvolvidas nas escolas, sejam elas de sucesso ou não, exercitando o hábito da pesquisa como prática pedagógica em todas as instâncias formativas, sejam elas escolas públicas ou privadas. O reconhecimento e a valorização do profissional da Educação Infantil só ocorrerá quando o professor for valorizado em termos de salário digno e formação na área, estudando e apropriando-se cada vez mais da cultura da infância. Nessa etapa da educação, respeitar e reconhecer a criança como cidadão de direitos implica estar em constante formação pedagógica, sendo também sinônimo de respeito à criança e ao próprio ofício. Cabe destacar que não podemos continuar repetindo práticas mecânicas sem sentido e descontextualizadas.

O cotidiano das escolas de Educação Infantil é de suma importância para planejar momentos que propiciem experiências significativas. (AZAMBUJA; CONTE; HABOWSKI, 2017). Quando temos um olhar sensível ao cotidiano, conseguimos colocar a criança como protagonista nas mini-histórias. Nesse sentido, os processos de desenvolvimento da criança surgem de ações cotidianas na interação com os outros e tem relação estrita com o currículo, conforme afirmam Carvalho e Fochi (2017, p. 29):

Desse modo, defendemos que o cotidiano, em sua relação com o currículo, é um importante catalizador de experiências. Acreditamos que é a partir da potência do cotidiano (da vida emergente das relações ordinárias estabelecidas no contexto institucional) que podemos pensar no desenvolvimento de potentes ações pedagógicas que propiciem às crianças assumirem o papel de protagonistas na construção dos conhecimentos e de parceiros de jornada com os adultos professores.

As práticas desenvolvidas com crianças, mesmo as mais pequenas,

devem ter um cuidado estético e uma responsabilidade educacional. As crianças pequenas merecem e precisam ser respeitadas, no sentido de o professor pensar em formas de despertar novas aprendizagens e propiciar com rigor científico experiências que promovam o desenvolvimento autônomo. É necessário pensar e planejar a jornada das crianças, refletindo qual a melhor maneira de dar visibilidade às práticas desenvolvidas, a fim de que o trabalho realizado também seja visto e esteja em evidência na comunidade escolar e para as famílias. As mini-histórias vem a esse encontro, mostrando que o cotidiano tem muita importância para a criança e é um grande potencializador de aprendizagens evolutivas, especialmente quando o adulto consegue desenvolver um olhar empático, sensível e de respeito pelos saberes e fazeres da infância.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa descrita aqui é resultado de reflexões acerca da produção de um artigo que foi apresentando por uma das autoras como conclusão do curso de Pedagogia no ano de 2018. A pesquisa aqui em questão é de campo de caráter qualitativa e teve como participantes crianças da faixa etária 1 (crianças com 1 ano completo até 31 de março) da Emei Joaninha, no ano de 2017. O projeto estendeu-se ao ano de 2018, incluindo uma nova turma de faixa etária 1 na pesquisa, com as mesmas características da turma anterior (17 crianças), porém, novas na escola e 3 professoras, sendo uma delas a pesquisadora. A coleta dos dados ocorreu principalmente por meio de observação, entrevistas e notas de campo.

MAS AFINAL, COMO PRODUZIR UMA MINI-HISTÓRIA?

Não há uma única forma de produzir mini-histórias. A intenção aqui não é colocar um manual pronto, mas apresentar uma experiência realizada por um grupo de professoras e crianças em um dado contexto. A partir da teoria e exemplos desenvolvidos por Fochi, as professoras, pesquisadas e

pesquisadoras ao mesmo tempo, fizeram ressignificações de acordo com sua realidade e encontraram uma forma de produzir estes relatos acompanhados de pequenas cenas que no seu conjunto compõem toda ação. Três professoras participaram do estudo, visto que a docência desta turma é compartilhada. Contudo, a pesquisadora que coletou os dados e os interpretou foi uma só. A seguir, ilustramos, de forma resumida e simples, os significados projetados e evidenciados pelas três educadoras que participaram do estudo.

Durante a jornada das crianças na escola, são feitos registros de imagens sequenciais sobre ações individuais e grupais, conforme ilustram as seqüências de histórias que seguem abaixo, elaboradas pelas professoras.

Figura 1 – Exemplo de seqüência de registros feitos pelas professoras.



Autora: Professora 2, 2017

Posteriormente, essas imagens são analisadas e a partir delas são produzidas pequenas narrativas de forma textual e imagética. O objetivo é compartilhar o entendimento, o desejo e as interações que ocorrem com esse grupo de crianças bem pequenas.

Figura 2 –Mini-História produzida a partir dos registros.



Mini História

Uma conversa silenciosa

A brincadeira é um constante processo de descobertas. Materiais simples como caixas podem propiciar novas experiências.

Durante uma sessão Davi e Kássya resolvem entrar em caixas plásticas disponíveis. Kássya olha para Davi, e com um gesto pede silêncio. Davi observa a ação da amiga com atenção e olhar firme. Pensa, gesticula, e sem nenhuma palavra, acompanha a amiga imitando seu gesto e concordando com o silêncio.

Só com olhares e gestos os amigos conseguiram se entender. A comunicação entre crianças vai além de palavras. Todo o seu corpo é meio de apreensão, expressão e significação.

Autora: Professora 1, 2017

Figura 3 – Mini-História produzida a partir dos registros.

Mini-História
Vamos empilhar?

O pátio da escola é sempre um lugar de muitas possibilidades, mas também de reinventar. Numa manhã de outono, Nathália explorando o pátio inventa uma nova brincadeira. O caminho de troncos usado pela maioria dos amigos para caminhar e pular para Nathália vira blocos de empilhar.



Ela pega um tronco, sente o peso, e observa a marca deixada na grama. Estranha, mas segue destinada a empilhar.

Uma manhã de brincadeiras no pátio se torna para Nathália uma experiência repleta de descobertas.

Autora: Professora 1, 2017

Figura 4 – Mini-História produzida a partir dos registros.

Os “laços” da escola



Novembro/ 2017

Ah, os cadarços, vivem desamarrando! Mas sempre aparece um amigo disposto a ajudar. Thalya se aproxima da amiga Bárbara, e começa a “amarrar” seu cadarço tentando fazer um laço. Bárbara observa a cena, e concorda com a ação de Thalya. Após “concluir” no pé direito seu objetivo, Thalya olha para a amiga e diz “outro.”

Bárbara concorda balançando a cabeça e aproximando seu pé direito. Thalya então volta sua atenção, concentra-se, e continua sua tarefa. Bárbara posiciona os braços para trás, e observa os amigos brincarem enquanto sua companheira a auxilia nesse momento.

Na escola também é importante criar laços de amizade e ambiente de camaradagem.

(Paulo Freire)

Autora: Professora 1, 2017

Figura 5 – Mini-História produzida a partir dos registros.



Um carinho especial

A adaptação é um momento muito delicado e sensível na Educação Infantil, principalmente no primeiro ano escolar. As crianças nesse processo, se apoiam, e desenvolvem desde os primeiros momentos relações de empatia.

Clarice, sempre muito carinhosa, no início de uma tarde, busca acalantar o amigo Gabriel. Se aproxima e oferece um carinho.



Gabriel, para a surpresa das professoras, se acalma, fecha os olhos e deixa a amiga se aproximar. Clarice dá um beijinho em Gabi, e com suas mãos cuidadosas continua dedicando sua atenção a este momento, acompanhada pelo olhar encantado das professoras. Muito sensível, Clarice chama pelo amigo: “- Gabiel!”, pega sua mão e beija-a despedindo-se do amigo. Momentos assim são muito importantes, e contribuem no desenvolvimento de crianças mais solidárias e sensíveis com o entorno.

Março/2018

Autora: Professora 1, 2018

Esses relatos, acompanhados de registros de imagens, normalmente eram impressos em folha A4 e expostos em um varal em frente à sala da turma. Permaneciam expostos em média por um mês, para que as famílias pudessem visualizar. A cada semana era colocada uma nova mini-história e retirada uma outra.

Figura 6 – Mural onde as Mini-Histórias são expostas.



Autora: Professora 3, 2017

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Houve um retorno muito positivo em relação ao projeto, que foi desenvolvido ao longo do ano de 2017 e que já está sendo retomado e desenvolvido com uma turma ao longo de 2018. Seguem dois relatos que ilustram a satisfação das famílias:

*Olá profes queridas, eu ainda não sei escrever, por isso a Mamãe vai fazer por mim. Neste ano de 2017 eu iniciei minha jornada no mundo da escola, um mundo no qual aprendo a brincar, a dividir os brinquedos com os colegas por mais difícil que seja. Aprendi que temos horários para comer, para fazer aquele soninho gostoso. Minha mamãe fala pro Papai que eu mudei bastante, que eu estou mais falante, e que a escolinha foi muito bom. Mamãe também conversa comigo que nossos desenhos são muito lindos, que nossas **Mini-Histórias** são muito legais e eu amo todas vocês. (Relato entregue às professoras, no fim do ano letivo de 2017, como forma de homenagem e agradecimento, grifo nosso)*

*Quando sai da sala do meu Pitoco (em seu terceiro dia de adaptação) vejo ele sorridente em **fotos** espontâneas e tão lindas, então os olhos se encheram de lágrimas em saber que ele está em um ambiente acolhedor, repleto de amor e com professoras que acreditam nas mesmas coisas que eu. Ele será muito feliz em sua primeira escola, pois viverá de verdade a infância na sua essência. Obrigada escola por toda acolhida e amor por nossos pitocos. Profe que **texto** mais lindo e cheio de amor. (Relato postado no facebook em fevereiro de 2018 mãe de educando, grifo nosso)*

Mãe de educando: *Sempre os dois, que lindo profes!!! Obrigada por compartilharem conosco esses momentos tão únicos e especiais os quais perderíamos se não fosse a dedicação e o carinho de vocês #Emocionada.*

Mãe de educando 2: *Os dois não se desgrudam, é uma linda amizade. Obrigada profes por nos mostrarem e compartilharem esses momentos. Parabéns pela iniciativa e dedicação que vocês têm com nossas criança. (Comentários publicados no facebook da escola na imagem de uma mini-história em agosto de 2018, grifo nosso).*

Sem sombra de dúvidas, a experiência vivenciada com as mini-histórias contribuiu para compreender que um trabalho de qualidade com crianças bem pequenas é possível. Compreendemos, também, que, quando as famílias conseguem visualizar as aprendizagens dos filhos, sua participação na escola se modifica, afinal, o envolvimento da família na escola é de grande importância e influencia no desenvolvimento das crianças, tanto nas questões de ensino e de aprendizagem quanto nas construções das relações

emocionais, intelectuais e socioafetivas. O entendimento compartilhado das famílias de que seus filhos estão tendo acesso a uma educação pública e um trabalho de qualidade, agrega um sentido formativo de comunicação das jornadas de aprendizagens das crianças com respeito às próprias construções históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mini-histórias, ainda que sejam pouco conhecidas e exploradas pelos profissionais da Educação Infantil, podem ser uma forma interessante de comunicar as experiências de aprendizagens evolutivas num processo próprio de pedagogias autorais, participativas, aprendentes e comunicativas (ALTIMIR, 2010; FOCHI, 2017). Compreendemos que as crianças são seres capazes, cheios de possibilidades e potencialidades. Uma escola da infância deve valorizar toda forma de expressão e ser capaz de articular aprendizagens colocando a criança como protagonista. Os professores e as crianças precisam ser agentes de mudança social no processo de ensino pela via da autonomia e da curiosidade. Daí que as mini-histórias representam uma forma de aprendizagem, de construção do conhecimento sustentado em práticas e planejamentos na Educação Infantil, por meio de atos de criação, partilha e abertura às novas construções nesse movimento virtuoso que articula a perspectiva das crianças.

Nesse sentido, destacamos a importância da formação do professor, pois o profissional que trabalha com a primeira infância precisa provocar e ser estimulador de múltiplos conhecimentos e estar em constante atualização. Após reflexões pensamos que é possível desenvolver um trabalho de qualidade na Educação Infantil, mas isso requer profissionais envolvidos e capacitados que possam ir além do amor pelo que fazem, buscando novas formações e saberes necessários à prática educativa que desenvolvem. Como reflexão final, deixamos a ideia de que os profissionais da Educação Infantil precisam mostrar suas práticas pedagógicas como forma de inspirar e sensibilizar as crianças e os familiares para uma educação de qualidade, consolidando assim um processo pedagógico de (re)construção de

significados, pois com essas práticas certamente o panorama educacional pode ser alterado. A visibilidade e o reconhecimento dessas práticas trará consequências positivas ao desenvolvimento infantil articulado ao trabalho desenvolvido, o que acontece com uma boa dose de comprometimento pela educação e aposta em seu potencial transformador de mundo, pois a educação muda as pessoas e as pessoas transformam o mundo, como nos inspira Freire (2015). Vale lembrar que as crianças de hoje serão os adultos de amanhã, que podem ser capazes de melhorar o mundo, com a educação humanizadora que tiveram desde os primeiros anos nas escolas da infância, livres para pensar, agir e se expressar.

REFERÊNCIAS

ALTIMIR, David. **Como escuchar a la infancia**. Barcelona: Octaedro, 2010.

AZAMBUJA, Paula Lima; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. O planejamento docente na educação infantil: metamorfoses e sentidos ao aprender. **Pesquisa em Foco**, São Luís, v. 22, n. 2, p. 157- 178, jul./dez. 2017. BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF, 1990.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sérgio. Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores. **Em Aberto**, v. 30, n. 100, p. 23-42, set./dez. 2017

FARIA, Ana Lúcia G.; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. São Paulo: Editora Autores Associados, 2005

FOCHI, Paulo Sergio. **Abordagem da documentação pedagógica na investigação praxiológica de contextos de Educação Infantil**. 2017.218 f. Projeto de qualificação de tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FOCHI, Paulo Sergio. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

LOBORUK, Jaqueline Cadore. **Experiências educativas no berçário: as narrativas visuais como construção do conhecimento para estar com os bebês.** 2016.48 f. Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

MALAGUZZI, Loris. Ao contrário, as cem existem. In: EDWARDS, Carolyn et al. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

MELO, Nedir Santana de. **O significado do protagonismo infantil para professores de Educação Infantil de uma escola da rede privada de ensino da cidade de Manaus.** Relatório final de pesquisa entregue ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas- PIB-SA/0071/2010. Manaus, 2011. 71p.

VIAL, Indiana Picolo. **Documentação pedagógica no berçário: reflexões, registros e propostas.** 2014. 59 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, 2014.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: ArtMed, 2009.